

# A POÉTICA DAS CONTINGÊNCIAS: O INDIVÍDUO, A ESCOLA E AS *PRUEBAS*

## THE POETIC OF CONTINGENCIES: THE INDIVIDUAL, THE SCHOOL AND THE *PRUEBAS*

Eduardo Carvalho Ferreira\*

### RESUMO

Este trabalho pretende discutir a aplicação e a validade da noção de *pruebas* desenvolvido por Danilo Martuccelli como um operador analítico importante para pensarmos a influência da escolarização nas tomadas de decisões dos indivíduos em seu processo de produção da experiência subjetiva. Nossa intenção será refletir sobre a profundidade do conceito na análise desse processo particular de individuação e sua contribuição para a pesquisa educacional.

**Palavras-chave:** Sociologia do indivíduo. Escola. Individuação.

### ABSTRACT

This paper discusses the application and validity of the concept of *pruebas* developed by Danilo Martuccelli as a importante analytic operator to think about the influence of education on individuals decision on the production process of theirselves subjective experience. Our intention is to reflect on the depth of concept in the analysis of this particular individuation process and its contribution to educational research.

**Keywords:** Sociology of the individual. School. Individuation.

### Introdução

Recentemente alguns dos marcos epistemológicos da sociologia da educação e da cultura têm sido reformulados em termos de sua abordagem teórica e prática, essencialmente pela emergência de novas provas empíricas decisivas relacionadas à construção das experiências subjetivas mediadas pela escolarização num contexto de globalização e expansão neoliberal. Isso não acontecia desde os anos 1970 com a emergência da teoria da reprodução de Pierre Bourdieu, onde as noções de arbitrário e capital cultural tornaram-se referência<sup>1</sup>. O fato é que a pesquisa educacional tem se

---

\* Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo, área temática Sociologia da Educação. [edu.ferreira@usp.br](mailto:edu.ferreira@usp.br)

<sup>1</sup> No início dos anos de 1970, notadamente na França, a Sociologia da Educação foi marcada pelas teorias estrutural-funcionalistas da reprodução. Essas análises, a partir do uso de métodos estatísticos, tentavam dar conta das desigualdades sociais perante a escola em função da estrutura de distribuição do capital cultural (BOURDIEU; PASSERON, 1970), ou da posição das famílias dos alunos nas relações de

desdobrado para dar conta dos fenômenos advindos desse “novo” contexto socioeconômico e político e seus impactos na construção do indivíduo. Em larga escala tem-se produzido pesquisas preocupadas com as representações individuais frente aos desafios impostos pelas condições de vida contemporâneas e as relações institucionais dessa nova ordem cultural, dentre elas a escolarização. Nesse registro a questão é pensar como se processa a relação entre o pessoal e o social a partir da experiência individual na escola, uma vez suposto que existem novas formas de reprodução no interior da escolarização e que os indivíduos respondem a elas de maneiras distintas.

O suporte para essas pesquisas tem sido construído no terreno de uma sociologia da educação centrada no indivíduo. Notadamente francesa, a mesma acumula contribuições que vão desde valoração da experiência por François Dubet, passando pelo propósito do indivíduo em Jean Claude Kauffmann e a questão da identidade em Claude Dubar, dentre outros. O deslocamento dessa sociologia do indivíduo para o campo escolar encontra atualmente seus expoentes em autores como Bernard Lahire e suas pesquisas sobre sucesso e fracasso escolar. Também é representante desta vertente o sociólogo Danilo Martuccelli, que será objeto desse ensaio. Tal movimento tem criado uma série de conceitos direcionados à compreensão da produção da experiência individual via escolarização no âmago das reformas institucionais e da dissolução de certas fronteiras entre indivíduo e sociedade.

Transitando entre a sociologia, a filosofia e a psicologia, esse novo direcionamento das pesquisas educacionais, principalmente as mais preocupadas com os detalhes dentro do macrocontexto, têm ocasionado questionamentos na ordem das contingências. Quer dizer, como situarmos teoricamente as situações desviantes ou as exceções que dão forma aos indivíduos dentro de um espaço social marcado por experiências variadas e que afligem as pessoas de maneira particular? Os indivíduos experimentam a vida escolar das mais diversas formas e isso produz resultados distintos, sejam eles positivos ou negativos. No uso da teoria social, fazer esse tipo de pesquisa significa refutar algumas das proposições mais clássicas no âmbito das ciências sociais e educacionais.

O pressuposto básico é que a tradição clássica apresenta uma ideia reificada da relação entre indivíduo, escola e sociedade. Isso acontece porque o indivíduo e suas

---

produção econômica (BAUDELLOT; ESTABLET, 1971). Nesse contexto, o conceito de capital cultural aparece para a Sociologia da Educação, assumindo que as formas legítimas de cultura funcionam como bens desigualmente distribuídos, e que dão acesso a muitos privilégios para poucos.

escolhas são situadas em termos posicionais, quer dizer, sua compreensão passa pela análise da posição ocupada hierarquicamente dentro um espaço social estruturado de relações sociais (BOURDIEU, 1990, 2009). Entretanto, com as mudanças advindas das novas formas de sociabilidade e de comunicação, fica cada vez mais difícil categorizar as experiências individuais nos termos rígidos da sociologia posicional. Por isso, gradativamente, as pesquisas tem focado na escala da experiência individual, e assim sendo, novas categorias vão assumindo importância analítica.

A centralidade é agora ocupada pelas experiências e suas clivagens e contingências. E a pergunta é como interpretá-las. Tomando de partida o mundo contemporâneo globalizado, onde a circulação dos bens culturais é muito mais dinâmica, os indivíduos se produzem diante uma variedade de possibilidades e caminhos, nem sempre relativos à sua posição social. Essa lógica se estende para a escolarização. O fato é que a regra do jogo parece alterada, já que a ação social não é mais vista numa relação simétrica com a ideia de socialização. Ao contrário, o indivíduo é tomado como correspondente direto de suas escolhas e de sua construção subjetiva, em virtude de sua autonomia relativa e capacidade de escolha diante os acontecimentos ao longo de sua vida.

Dessa forma, trazer isso para o terreno das pesquisas educacionais representa deslocar a centralidade da estrutura em prol da experiência individual, demarcando uma ruptura com a noção de “socialização”. Isso é bastante emblemático, pois significa relativizar uma série de “verdades” sobre os processos de escolarização. Enfim, mesmo que ainda não seja dominante, esse indício de transformação paradigmática tem direcionado as pesquisas no caminho de uma maior compreensão dos detalhes que compõem uma realidade educacional bastante diversa, considerando um contexto social onde os discursos e as disposições individuais tem se caracterizado como determinantes. Diversas teorias têm sido elaboradas nesse registro e podemos identificar versões distintas disso que se esta chamando de sociologia da educação centrada no indivíduo.

Como já antecipado, aqui nos ocuparemos em analisar algumas das proposições do sociólogo e professor da Universidade Paris-Descartes (Paris 5), Danilo Martuccelli, cuja obra se desenvolve no marco da teoria social com ênfase na sociologia do indivíduo e na teoria da individuação<sup>2</sup>. Objetivamente, abordaremos o seu conceito de

---

<sup>2</sup> “O estudo do indivíduo na sociologia se efetua principalmente através de três grandes perspectivas: a socialização, a socialização e a individuação. Cada uma delas se caracteriza por um núcleo problemático específico. Em um registro histórico, é possível advertir, em cada uma destas três perspectivas, um

*pruebas*, cuja preocupação analítica é a tradução dos fenômenos coletivos a partir das experiências individuais. Assim, neste trabalho será discutida a aplicação e a validade desse conceito para a pesquisa educacional. Para Danilo Martuccelli (2013), as *pruebas* funcionam como um operador analítico importante para pensarmos as influências do social nas tomadas de decisões dos indivíduos em seu processo de produção da experiência subjetiva, e por isso, nossa intenção será refletir sobre a profundidade do conceito na análise de um processo particular de individuação, a dizer, a escolarização. Tudo isso para avaliarmos as possíveis contribuições do autor para as pesquisas sociológicas voltadas para a educação.

O ensaio está organizado em quatro partes. Na primeira, o foco é desenhar uma teoria da individuação. No segundo momento, trataremos especificamente do conceito de *pruebas*. Em terceiro, pensar como a *prueba escolar* interfere na construção da experiência subjetiva dos indivíduos. Por fim, faremos um balanço das questões tratadas no intuito de avaliar criticamente as contribuições do autor para a pesquisa sociológica e educacional.

### **A crise do modelo explicativo e a construção do EU via *individuação***

[...] uma sociedade complexa, altamente diferenciada, produz um indivíduo fortemente singularizado (o ator da “modernidade”). O indivíduo aparece assim como uma das maiores consequências de uma sociedade profundamente diferenciada, pertencente a uma pluralidade de círculos sociais, faz intercambio com um numero cada vez maior de pessoas desconhecidas e se submete a estímulos crescentes da parte do ambiente urbano ao qual faz parte (MARTUCCELLI, 2007, p. 21).

Esse excerto sublinha bem a ideia de que o indivíduo é uma combinação entre um agente empírico e um modelo normativo de sujeito. A partir desta afirmativa podemos supor que o primeiro desafio para o indivíduo é existir. Mas para existir ele precisa construir as condições de sua própria existência. Isso não é algo simples se considerarmos a variedade de situações as quais somos expostos ao longo da vida. Constituir-se enquanto indivíduo requer uma atitude soberana sobre si mesmo, além de

---

movimento histórico comum: a saber, um interesse crescente pelas dimensões propriamente individuais. Este movimento teórico em conjunto se declina de maneira diferente em cada uma das matrizes apresentadas. No entanto, as referencias comuns ao indivíduo não devem ocultar as diferenças entre suas problemáticas e interrogações. Cada uma destas perspectivas tem uma sensibilidade analítica específica. [...] Na individuação, o centro de análise está nos contornos históricos da condição moderna e sua tradução ao nível das experiências dos indivíduos” (MARTUCCELLI, 2007, p. 34).

um estranhamento em relação aos outros. “Não há indivíduo sem resposta a esta interrogação existencial radical de saber como os homens se sustentam no mundo. Pergunta atemporal que tem ganhado intensidade na modernidade a medida que a natureza de nossos vínculos sociais se modificam” (MARTUCCELLI, 2007, p. 63).

A vida social se sustenta em relações distintas. A questão é como dar conta, cientificamente, dessa ocorrência. Nesse caso, se faz necessário um tipo de pesquisa sociológica cuja preocupação inicial seja interpretar adequadamente como o indivíduo se produz no mundo social, e ainda, de como ele se sustenta. Assim, metodologicamente, o olhar deve se centrar nos “suportes graças aos quais os atores conseguem assumir o peso de sua própria existência” (MARTUCCELLI, 2007, p. 63). A modernidade, mais que em outros períodos históricos, implica ao indivíduo um desafio social e existencial *sui generis*, já que ela exige do mesmo a mobilização de disposições cada vez mais singularizadas, em nome do ideal de autonomia caro ao seu projeto. Entretanto, tal contexto exerce profundas transformações na dimensão da vida “íntima” ou “subjetiva” do indivíduo, produzindo uma razão sentimental bastante heterogênea.

O caso é que para Martuccelli (2007) a sociologia clássica foi amplamente descuidada em relação a isso, justamente por ter aprisionado o indivíduo entre as determinações de diferentes forças sociais, “o indivíduo emperrado no meio de sólidas relações sociais era supostamente sustentado por elas. De maneira mais ou menos consciente, era sua posição no espaço social que dava conta das maneiras como se sustentava” (MARTUCCELLI, 2007, p. 63). Segundo o pensamento social clássico, a primazia está na ideia de uma estrutura forte entre as distintas camadas da sociedade. Historicamente, se insistiu em estabelecer os nexos entre todos os aspectos da vida social a partir da articulação entre “os debates políticos e intelectuais, entre as posições sociais e as percepções subjetivas, entre os valores e as normas” (MARTUCCELLI, 2007, p. 15). De uma forma ou de outra, a sociologia clássica sempre construiu uma ideia de sociedade baseada mais na integração do que na dissociação entre objetivo e subjetivo, que é o elemento essencial da experiência moderna.

Para Martuccelli (2007), este projeto vem progressivamente entrando numa crise durável desde muitas décadas atrás. Como modelo, parece não apresentar mais a mesma força explicativa, e por isso, se faz cada vez menos pertinente à medida que se alteram as formas de sociabilidade.

Escrita desta maneira, a sociologia deixa escapar elementos e domínios cada vez mais numerosos das experiências individuais; um resíduo não eliminável, um conjunto de vivências e atitudes irreduzíveis a uma análise deste tipo, que muitos sociólogos constantemente se esforçam para interpretá-los nos termos de uma crise posicional. O sentido, digam o que digam os atores, está sempre dado de antemão por uma visão englobante e descendente das práticas sociais (MARTUCCELLI, 2007, p. 8).

Quer dizer, ao passo que emerge uma sociedade contemporânea, marcada pelas incertezas e contingências, os processos de singularização tomam outros rumos. Nesse caso, faz jus a figura de novas ferramentas teóricas para a pesquisa social, considerando “*una toma de conciencia creciente de la distancia insalvable que se abriria ‘hoy’ entre lo objetivo y lo subjetivo*” (MARTUCCELLI, 2013, comunicado em palestra). De fato, esse não é um panorama simples. Muitas pesquisas ainda continuam a insistir na validade de um modelo explicativo que reforce a diversidade das experiências subjetivas em função das posições sociais. Em tom polêmico, Martuccelli (2007, p. 8) avalia que esse tipo de sociologia tem revelado um grande número de anomalias e lacunas em seus próprios princípios epistemológicos:

Descritas aqui, acentuadas em outros lugares, enunciado por todas as partes, alguns se limitam a constatar, sem nenhuma vontade de mudar, a insuficiência geral desta taxonomia; outros, com maior má-fé, minimizam ou negam essa insuficiência, mas todos, no fundo, percebem a força do terremoto. Os indivíduos não param de se singularizarem e este movimento de fundo se torna independente das posições sociais, cortam transversalmente, produz o resultado imprevisível de atores que se concebem e atuam como sendo "mais" ou "outra coisa" daquilo que é supostamente ditado por sua posição social. Os indivíduos se rebelam contra os *casilleros* sociológicos.

Nesse contexto, a atenção precisou ser alçada às experiências dos indivíduos e seus desafios sociais. O indivíduo e suas dimensões pessoais devem ser abordadas cada vez com mais refinamento pela teoria sociológica. A sociologia nos tempos atuais se defronta com uma situação nova, “o indivíduo é o horizonte da nossa percepção social” (MARTUCCELLI, 2007, p. 5). Já que parece irrefutável a tese de que seja em referência às suas experiências que o social produz sentido. Progressivamente se impõem a necessidade de reconhecer este aspecto. Martuccelli justifica que o interesse pelo indivíduo procede de uma convicção teórica de que o estudo da sociedade contemporânea é inseparável da análise dos processos de singularização crescente das experiências pessoais. Isso significa compreender os imperativos que obrigam os indivíduos a produzirem sua subjetividade.

Mesmo tendo em conta esta situação, isso não se traduz necessariamente na aceitação de uma sociedade sem estrutura, incerta, líquida, fragmentada. Uma descrição em que a vida social é descrita como submetida a um *maeslshom* de experiências imprevisíveis, uma realidade social em que as normas e regras que ontem eram transmitidas de maneira mais ou menos homogêneas para a sociedade, deve a partir de agora ser engendradas na situação e na forma puramente reflexiva pelos atores individuais. Por razões indissolúvelmente teóricas e históricas, o processo de constituição dos indivíduos seria o elemento base da verdadeira análise sociológica. (MARTUCCELLI, 2007, p. 11).

O que se passa é que essa situação parece estabelecer um contexto de crise definitiva da ideia de personagem social, cara à tradição da sociologia clássica. O essencial agora é tratar cada vez mais apuradamente os fenômenos que fazem parte da dimensão subjetiva do indivíduo, onde repousam cada vez mais os elementos para a compreensão da vida social. Isso se legitima à medida que se constata que as novas formas de regulação institucionais solicitam que o indivíduo moderno desenvolva uma biografia cada vez mais singular. Nesse argumento repousa a ideia de uma sociedade individualizada.

A incerteza ou risco, as transformações profissionais ou de identidade, as metamorfoses urbanas ou familiares, as mudanças no consumo ou nas práticas de alimentação, entendidas como os elementos-chave de uma condição histórica específica em uma fase da modernidade, já não são mobilizados apenas como decoração, mas estão no cerne das preocupações (MARTUCCELLI, 2007, p. 27).

A moderna história do indivíduo ocidental apresenta como valor central a imagem de um sujeito provido de uma liberdade que o torna responsável por seus atos. Dessa forma, o interesse sociológico sobre os processos de construção da experiência subjetiva é consequência de uma nova representação sobre a relação entre indivíduo e sociedade. Isso fundamenta a tese central de que as mudanças sociais são mais visíveis a partir das biografias individuais do que pelos estudos de grupos ou classes sociais.

Durante muito tempo, os estudos sociológicos sobre o indivíduo consolidaram uma representação sobre a sociedade baseada na aliança entre “socialização” e “subjetivação”. Entretanto, para Martuccelli (2007), a via mais produtiva para se exercer um estudo profundo sobre a condição individual na sociedade contemporânea é a individualização. Isso não significa que as outras duas matrizes estejam esgotadas, ao contrário, estão apenas suscetíveis de novas vinculações. O objetivo desse tipo de

análise sociológica baseada na individuação é destacar os variados desafios que os indivíduos enfrentam na sua condição moderna.

[...] em todos os casos, o estudo da individuação deve dar prioridade analítica as mudanças históricas, já que se trata de lidar com elas, como foi feito no início, enquanto fatores macrosociológicos de individuação, ou sob a forma de uma série de experiências ou *pruebas* de individuação (MARTUCCELLI, 2007, p. 33-34).

O estudo da individuação está associado com uma representação histórica e normativa da agência em relação a um conjunto de fenômenos estruturais. Se trata de compreender as consequências dessa relação na escala individual, “uma equação que exige colocar em questão os debates coletivos da estrutura social e as experiências dos indivíduos” (MARTUCCELLI, 2007, p. 31). E por esse caminho estabelecer uma vinculação particular entre a história social e a biografia individual combinando um eixo diacrônico com um eixo sincrônico, cuja interpretação nos forneça pistas para compreender horizontalmente as consequências das transformações advindas da modernidade.

A articulação entre esses dois eixos explicita a personalidade desta perspectiva, a saber, a interrogação pelo tipo de indivíduo que fabrica estruturalmente uma sociedade. Nesse contexto, os diferentes processos sociais, relacionados com mudanças econômicas, políticas ou culturais, não ficam em segundo plano, limitando-se em ser uma espécie "ornamento" distante, mas, pelo contrário, são estudados através de diferentes metodologias, nas formas concretas que se circunscrevem as existências individuais (MARTUCCELLI, 2007, p. 31).

Resumindo, essa sociologia da individuação se apresenta como uma tentativa de explicar como e a partir de que os indivíduos modernos se produzem. As exigências que vão se impondo ao redor do indivíduo se prolongaram na modernidade, principalmente, nas relações institucionais, ocasionando uma redefinição das expectativas e demandas, socialmente falando. “E é por esse conjunto de elementos estruturais que os atores são realmente fabricados como indivíduos” (MARTUCCELLI, 2007, p. 17).

A questão é explorar a fabricação do indivíduo em relação à diversidade social típica aos atuais processos de construção da identidade, mais do que saber como ele se integra na sociedade pela socialização ou como se liberta pela subjetivação, nos termos de uma sociologia mais clássica. Por isso, o registro teórico desta sociologia proposta por Martuccelli tem se preocupado com a identificação e análise de *pruebas* e experiências individuais integradas como fatores importantes à análise sociológica.



Todo o deslocamento proposto está adaptado para dar conta da condição moderna dos indivíduos e os múltiplos contornos e possibilidades de suas experiências, seja no âmbito privado ou público de suas vidas. “Em outros termos, é necessário construir operadores analíticos suscetíveis de num só movimento dar conta dessa dupla tendência simultânea e contraditória, a normalização e a singularização” (MARTUCCELLI, 2007, p. 13).

Metodologicamente, o problema principal é operacionalizar a pesquisa sociológica de forma que ela reconheça o lugar legítimo das estruturas e posições sociais, mas que não exclua da explicação a instabilidade dos processos de singularização. Este é o desafio que justifica a centralidade que Martuccelli outorga as *pruebas* em suas investigações sobre os diferenciais de consistência na vida social. De fato, considera-se a vigência de um “novo” tipo de individualismo institucional que oferece um alto grau de padronização da vida, mas que de forma alguma se apresenta como via única de individuação, já que se “*difracta en um número creciente de pruebas de distinto tenor en función de los ámbitos y de las posiciones sociales*” (MARTUCCELLI, 2007, p. 13).

### **A centralidade das *pruebas***

A análise do processo de individuação se faz, sobretudo, a partir da noção de *prueba* e sua relação direta com a história social dos indivíduos. O tipo de sociologia da individuação que Martuccelli (2013, comunicado em palestra) tenta desenvolver reside na articulação entre esses dois níveis *a priori*. Dessa forma, é fundamental que a análise resista aos riscos de uma interpretação desalojada das experiências individuais com efeito de validar as mudanças estruturais e as percepções dos atores sociais em relação às *pruebas*. Isso é muito importante, pois, de imediato remete o trabalho sociológico a direcionar seu olhar para a percepção que os atores têm dessas *pruebas*.

Mas, de fato, o que é uma *prueba*? É uma construção indutiva e abstrata que serve para enquadrar e categorizar aqueles eventos e momentos, mais ou menos duros, que compõem a história social da vida individual. Esses “momentos” decisivos tipificam a condição moderna, uma vez que alça a experiência individual a uma encruzilhada existencial (2013, comunicado em palestra). A questão é que a experiência moderna fundada num amplo sentimento de dissociação movido pela distância entre o mundo

objetivo e o subjetivo, gera tensões experimentadas de formas particulares pelo conjunto dos indivíduos.

Entretanto, é fundamental esclarecer que as *pruebas* são estabelecidas numa relação dinâmica entre os “eventos singulares” e a lógica das “oportunidades estruturais”, mesmo que os atores não tenham consciência disso. São experiências de individuação inseparáveis de transformações históricas (2013, comunicado em palestra).

A menos que possa interpretar dentro desta tríade (evento-tempos-choque-realidade) e dar-lhes um sentido da noção de *prueba*, acredito que a sociologia corre o perigo de perder-se em uma série de incidentes biográficos mais ou menos caricatos. Um dos objetivos de uma sociologia da individuação, através das *pruebas*, é justamente adquirir uma bússola de interpretação (MARTUCCELLI, 2006, p. 107).

Toda a representação metodológica que a noção de *pruebas* carrega consigo serve para alavancar os elementos de contingência nas trajetórias individuais. Esse é o ponto fundamental, a produção da experiência é recheada de clivagens e contingências. Nesse sentido, descuidar dessa capacidade em ação nas sociedades atuais, como fazem os pós-modernos, é um erro capital. Mas como caracterizar indutivamente as *pruebas*?

Progressivamente, se impõe a necessidade de encontrar uma formulação para cada *prueba*, a partir de códigos binários, abstratos, com forte teor geral e capaz de dar conta de um grande número de experiências diversas. Espero ser claro, as *pruebas*, da maneira como eu a concebo, resultam de um trabalho empírico exigente, indutivo, progressivo, um processo de avanços e recuos, de ensaios e erros constantes, até que vai se decantando lentamente a tensão-núcleo de uma *prueba* com um nível de abstração que permite dar conta da totalidade ou quase totalidade das entrevistas coletadas (MARTUCCELLI, 2006, p. 108).

Para Martuccelli a noção de *prueba* apresenta quatro dimensões específicas. Vejamos cada uma delas. A primeira, “a *prueba* é uma situação difícil ou dolorosa, que nós somos confrontados, o que supõe que, de uma forma ou de outra, há uma percepção particular delas. Não existem *pruebas* sem percepção. Ou seja, o ator deve perceber que ele é submetido a elas. Mas isso não implica necessariamente que todas as *pruebas* devam ser formalizadas” (MARTUCCELLI, 2006, p. 102).

A segunda, as *pruebas* requerem uma concepção particular de sujeito. “De fato, na raiz desta noção esta a ideia de que o ator que enfrenta uma *prueba* e tem a capacidade de dar-lhe uma resposta. Diante de uma *prueba*, o ator não tem apenas que

perceber, mas também deve enfrentar-lá, fato que mobiliza implicitamente uma concepção particular de indivíduo” (MARTUCCELLI, 2006, p. 103).

O terceiro aspecto diz que a noção de *prueba* supõe um processo, formal ou informal, de seleção. “Nossas sociedades são cada vez mais baseadas na seleção. E para exercer essa seleção os indivíduos são submetidos a uma série de *pruebas*” (MARTUCCELLI, 2006, 103). E por último, a noção de que as *pruebas* são inseparáveis do conjunto de desafios estruturais. Os indivíduos não têm os mesmos recursos neste processo seleção e, com efeito, alguns têm mais recursos ou chances do que outros, mas ao contrário da noção de dominação, que deixa subentendido que o processo de seleção já está definido desde o início, à noção de *prueba* abre o espectro do processo de seleção.

Todas essas dimensões em conjunto correlacionam um corpo teórico que permite identificar o modo como se dá a individuação nas sociedades modernas mediante caracterização das tendências de singularização. As mesmas perpassam as instituições sociais e seus domínios, modelando com profundidade os atores sociais e suas histórias de vida. Podemos citar alguns exemplos significativos de *pruebas*: a escola, o trabalho, a cidade, a família, etc. Podendo estas se desdobrar em outras de acordo com o aprofundamento da análise. “Cada uma delas é objeto de uma seleção mais ou menos aberta, e o conjunto de todas elas define um sistema padronizado de *pruebas*” (MARTUCCELLI, 2006, p. 104).

Vale ressaltar que as *pruebas* são resultados de uma análise histórica, circunscrita num contexto nacional e sem razão para supor que seus efeitos são extrapoláveis para todas as sociedades contemporâneas. A tradução das circunstâncias sociais ou pessoais sob a forma de uma *prueba* se caracteriza como um operador analítico que permite “*darle sustancia a un nivel digamos intermedio, y que permite sobre todo una renovación de la discusión entre analistas y actores sociales*” (MARTUCCELLI, 2006, p. 104). Nesse sentido, na próxima seção nos deteremos na análise dos problemas teóricos relativos a uma *prueba* específica, a escolar.

### **A experiência subjetiva mediada pela *prueba* escolar**

[...] Existe, por exemplo, um grande número de pessoas que contam que sua vida mudou radicalmente porque lhes faltou um ponto ou um meio ponto em um exame, um meio ponto que lhes impediu de obter, segundo seus relatos, um diploma que lhes abriria outras portas... Na realidade, é pouco provável que seja este meio ponto o que mudou sua

vida; mas neste meio ponto tal como enuncia o ator, ou seja, sob a forma de um “evento” ou um “acidente”, se expressa a consciência, mesmo parcialmente, de como os “momentos” estruturais vão se introduzindo sigilosamente na existência, e que esse meio ponto é a síntese ao nível consciente e discursivo de uma série de fatores invisíveis e de grande folego. Enunciando-o desta maneira, e às vezes sem serem inteiramente conscientes, os atores dão conta graças a estes “momentos” da presença e do rol das estruturas em suas vidas (MARTUCCELLI, 2006, p. 106).

Nesta passagem Martuccelli constrói uma imagem mais precisa de como os indivíduos em seus processos de *singularização* estão submetidos, com maior ou menor percepção, a passar pelas *pruebas*. A herança é relativizada, uma vez que o tipo de indivíduo que você é e as suas posições são obtidas e forjadas a partir destes eventos. Essa é uma das características acentuadas das sociedades liberais e democráticas. E essa mudança é fundamental para compreendermos os efeitos da *prueba escolar* no curso da individuação e sua relação com as “oportunidades estruturais”.

Sabe-se que é durante a trajetória escolar que se produz a seleção e estratificação social nas sociedades contemporâneas. Isso parece irrefutável desde a teoria do capital cultural de Pierre Bourdieu, entretanto, para Martuccelli esse fato não pode anular todo o conjunto diferencial de recursos sociais e culturais existente entre os alunos e diversamente mobilizados em relação à competição exigida pelo sistema de ensino escolar. O sucesso ou fracasso escolar se realizam em relação a este jogo institucional. A *prueba escolar* se estabelece na tensão criada por dois princípios: “entre o processo de seleção social que ocorre na escola e a confiança institucional que esta transmite ou não para cada um de nós. Nesta caracterização aparece claramente expresso o caráter histórico de toda *prueba*” (MARTUCCELLI, 2006, p. 110).

Analiticamente, a origem social sempre foi o fator determinante (e concreto) para a explicação sociológica da experiência escolar do indivíduo, em termos de sucesso ou fracasso, muito em função do emprego de técnicas quantitativas. No entanto, Martuccelli (2006) relativiza essa posição ao enfatizar que esse tipo de análise pode sugerir uma “conservação relativa da reprodução escolar”, escondendo uma realidade muito diferente daquela contruída pela via da experiência subjetiva.

Com efeito, entre os jovens trabalhadores, aqueles que, digamos, estão na casa dos 30 anos, a situação laboral na qual se inserem é inseparável do seu fracasso escolar. De uma ou outra maneira têm que aceitar que são trabalhadores porque fracassaram nos estudos. Mas, insisto que estatisticamente parece que nenhuma mudança fundamental aconteceu. Entretanto, a partir da perspectiva das experiências o assunto é muito distinto. Cada um tem, cedo ou tarde, que aceitar e

reconhecer que são seus próprios fracassos que dão conta de sua situação social (MARTUCCELLI, 2006, p. 111).

O fato é que um olhar mais atento a esses fenômenos demonstram que a *prueba escolar* tem se convertido numa experiência dramática nas sociedades modernas. Com a ascensão da imagem de que o êxito escolar é essencial para a manutenção do *status quo*. Tal situação se envidencia com bastante força quando olhamos para as camadas médias da sociedade, onde “*la convicción que la salud social (o sea la reproducción de una posición social) pasa por el éxito académico*” (MARTUCCELLI, 2006, p. 110). Tem-se uma alteração na lógica de seleção e reprodução no interior das camadas sociais mediante o processo de escolarização. Esse ponto é bastante importante para sociologia da individuação efetuada a partir de métodos qualitativos proposta por Martuccelli.

A noção de *prueba* busca restituir essas mudanças na seleção social que ocorre na escola. Em quase todos os sistemas escolares cada vez mais os alunos são submetidos a novas formas de regulação que influenciam o processo de seleção. O resultado disso é a generalização de um sentimento temerário em relação à *prueba escolar* nas sociedades contemporâneas, já que existe uma consciência coletiva a respeito de que a reprodução das posições sociais passa pela escola, independente da vantagem de certos grupos sociais.

Para compreender todo este processo de seleção a partir das experiências individuais, Martuccelli (2006, p. 110) relata que em suas pesquisas sobre a sociedade francesa sempre começava as entrevistas com a seguinte pergunta: Como você interrompeu seus estudos? Ainda segundo esse relato, as respostas corresponderam a inúmeras variáveis e exigiram um trânsito interpretativo, pois transitavam enormemente de acordo com a faixa etária. Entre os mais velhos, passavam pela questão familiar (“morreu meu pai”), pelas dificuldades econômicas (“não tínhamos dinheiro”), pelo trabalho (“eu fazia escola técnica no contra-turno...”). Para os mais jovens as razões se diversificaram ainda mais, sobretudo em relação à instituição escolar (“eu fiquei de detenção”, “meu professor me disse que...”, “o conselheiro me indico que...”, “em meu colégio os filhos de trabalhadores e os imigrantes eram mal tratados”). No entanto, de maneira geral, diz Martuccelli, as respostas se aglutinavam na transição entre um sistema e outro.

Esse fator nos leva a segunda dimensão da *prueba escolar* a qual nos referimos no início desta seção, a questão da confiança institucional. Para Martuccelli (2006, p. 112) a escola transmite um tipo de confiança institucional *sui generis*.

Nas sociedades modernas, com efeito, a escola aparece como uma instituição dotada de uma forte legitimidade, capaz de ditar um juízo global sobre uma pessoa. Por suposto, este juízo é temperado por muitos elementos; e nem por isso é menos certo que um juízo de índole única. É em todo caso o abrigo deste juízo que permite observar entre muitos antigos bons alunos um tipo de confiança institucional em si mesmo e de natureza particular. E que este certificado de confiança institucional depositada sobre si, é por suposto muito distinto do que aquilo que foi transmitido para aqueles que conheceram uma experiência de fracasso escolar. Fenômeno em parte não novo, mas que toma um caráter premente nas últimas décadas.

Isso exemplifica bem a imagem de que a escola se encontra encurralada em relação a novas funções, principalmente, pela demanda de dar conta dos problemas de reconhecimento ocasionados pelas desigualdades de capital social, baseados na distribuição dos diplomas e certificações. Isso pode explicar, por exemplo, porque as pessoas, mesmo estabelecidas em maior ou menor grau, voltam a estudar. “Além da utilidade profissional, boa parte do benefício de uma formação continuada e permanente é o sentimento de orgulho: uma instituição – a escola – me disse que tenho valor” (MARTUCCELLI, 2006, p. 112).

Existe uma tensão entre esses dois fatores que demonstra toda uma “geografia subjetiva muito mais complexa do que muitas vezes se acredita” (MARTUCCELLI, 2006, p. 112). Por isso, a *prueba escolar* é um elemento importantíssimo para compreensão de como a sociedade em sua forma moderna fabrica seus indivíduos. A escolarização funciona como um ponto gravitacional nas trajetórias individuais, justamente por apresentar uma sanção institucional ambígua e que não pode ser prevista analiticamente pela via da reprodução *stricto sensu*. Em muitos casos, a clivagem da experiência subjetiva realizada pela *prueba escolar* persegue os atores por toda a sua vida. Esse registro é muito significativo. Diz Martuccelli (2006, p. 113): “pessoas que entrevistei passam assim, por exemplo, toda sua vida tratando de demonstrar a seu em torno social, e a elas mesmas, que não são “tontas”, e que sua subjetividade não pode ser reduzida a etiqueta que a escola lhes impôs no passado”.

Em suma, a *prueba escolar* é o resultado desta tensão gerada pela seleção escolar e a confiança institucional em si mesmo. É uma ilustração fortemente padronizada de uma sociedade que mantém um sistema de ensino escolar

contraditoriamente integrado. É “*una prueba común que se declina empero de manera diferente en dirección de los actores sociales; y que permite, en su simplicidad analítica, dar cuenta de un sin número de trayectorias individuales posibles*” (MARTUCCELLI, 2006, p. 113)

**À guisa de conclusão: é possível utilizar a noção de *pruebas* na pesquisa educacional?**

Tendo percorrido, mesmo que apressadamente, algumas das ideias de Danilo Martuccelli sobre os processos de produção individual em relação a contextos institucionais, como o exemplo da escola, podemos fazer algumas indicações a respeito da utilização da noção de *pruebas* na pesquisa educacional. Tentarei situar algumas delas.

- 1) Creio que, analiticamente, esta proposta de sociologia da individuação baseada nas *pruebas* pode, conforme observado, integrar uma análise bastante profunda de como se dão os processos de reprodução no interior da escolarização contemporânea. Explico melhor. Fica bastante difícil empreender um estudo sociológico sobre a educação sem considerar as diferenciações funcionais que a caracterizam. E isso vale para os mais diversos objetos de estudo. É possível que a partir de uma perspectiva como essa seja possível estabelecer o nexo entre o detalhe e o macrocontexto, desafio tão caro a pesquisa educacional. Indicar a importância das práticas singulares dentro de um conjunto mais amplo da vida individual pode representar um caminho bastante adequado para se compreender o funcionamento da lógica seletiva da instituição escolar.
- 2) A categorização da *prueba* nos ajuda a pensar a questão da dominação sob outro registro, mas sem neutralizar as suas relações de poder. Mesmo sem dizer que toda a vida humana se resume a dominação, Martuccelli via individuação demonstra que os processos de singularização respondem aos contextos estruturais. Não nega essa influência, apenas reforça que esse não é um movimento uniforme, ao contrário, sua força reside na diferenciação da apropriação institucional feita pelos indivíduos, mesmo que inseridos num contexto de padronização como a escola. A seção sobre a *prueba escolar* nos demonstrou isso. Quer dizer, existe um sistema de ensino padronizado e que

impõem um conjunto comum de *pruebas*, mas que obtém respostas distintas dos indivíduos por motivos que só uma análise da experiência institucional pode revelar. Fator que pode explicar os sucessos e os fracassos escolares e sua relação com os mecanismos de reprodução social.

- 3) O recurso à noção de *prueba* na pesquisa educacional funciona como um subterfúgio analítico para responder aos desafios da escolarização contemporânea e do mundo social globalizado. Isso porque ela é fértil para produzir uma explicação sociológica que estabeleça uma comunicação entre o mundo objetivo e o subjetivo, a partir da vinculação entre as dimensões sociais. Para a pesquisa educacional isso pode representar um grande avanço, pois permite encontrar, traduzir e analisar as representações dialeticamente partindo do particular para o social. Além do que, o seu caráter político nos permite produzir uma intervenção mais aprimorada ao revelar aos atores o conjunto de *pruebas* a que estão submetidos e como isso influencia suas vidas.

De maneira conclusiva podemos dizer que essa sociologia da individuação pode auxiliar a pesquisa educacional a compreender como o indivíduo é estruturalmente fabricado mediante a escolarização. E, nesse sentido, a noção de *prueba* pode dar conta da necessidade de descrever os fenômenos coletivos na escala individual que perpassam as relações sociais. Resumindo, a noção de *prueba* funciona como “operador fundamental na busca por estabelecer uma articulação entre as mudanças estruturais e as experiências subjetivas” (MARTUCCELLI, 2013, comunicado em palestra). A sociedade é vista como um conjunto padronizado de *pruebas* estruturais – socialmente produzidas e desigualmente distribuídas – que os indivíduos enfrentam em suas vidas. No entanto, produzem respostas singulares desde uma posição particular e com recursos distintos e imprevisíveis. É assim também num contexto tão específico de ação social como a escola. O *insight* para a pesquisa educacional é não se deixar enganar pela ilusão de homogeneidade muitas vezes reforçada, pois as *pruebas* são comuns a todos, mas as reações são singularizadas. Talvez as respostas teóricas para as desigualdades produzidas pela escolarização encontrem seu princípio na articulação entre essas duas facetas de um mesmo processo.



**Referências**

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo: la sociedad a la escala del individuo**. Santiago: LOM Ediciones, 2007.

MARTUCCELLI, Danilo. **Sociologia do indivíduo e estrutura social na América Latina**. Conferência realizada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo entre os dias 19 e 23/8 de 2013.

MARTUCCELLI, Danilo. **Leciones de sociologia del individuo**. Transcrição do curso realizado na Pontificia Universidad Católica del Peru em setembro de 2006.

VILLA, Julio. ¡Buena puntería!... pero ¿Ese era el blanco? Entrevista con Danilo Martuccelli. **Debates en Sociologia**, n. 36, p. 165-181, 2011.